

## ELEIÇÕES

# Lula tenta atrair os “tucanos históricos”

Petista quer apoio de membros do PSDB não alinhados com candidatura de Doria

» TAÍSA MEDEIROS

Ricardo Stuckert

Depois de investir na provável chapa para a disputa presidencial com o ex-tucano Geraldo Alckmin, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem mantido diálogos com os dissidentes do PSDB — e que não acreditam que a candidatura do governador de São Paulo, João Doria, não ganhará tração para se tornar competitiva. A ideia trazer o que o petista chamou de “PSDB da constituinte” para o leque de apoios que pretende montar.

Na última quinta-feira, o ex-presidente se encontrou com o ex-senador e ex-chanceler Aloysio Nunes Ferreira. Não foi a primeira conversa entre eles. Os dois tinham estado juntos no ano passado e, desde então, mantêm contato frequente por telefone.

Para Aloysio, a provável aliança entre Alckmin e Lula é “uma atitude política positiva” para um e para o outro. “Sinaliza a necessidade de uma união de forças para tirar o Brasil da crise, para reconstruí-lo em outros moldes”, avalia.

O ex-senador, porém, destaca que não basta ser uma aliança partidária de personalidades. Segundo Aloysio, é preciso que seja mais profunda, “envolvendo a sociedade, a academia, outros partidos políticos. Isso não quer dizer exatamente uma aliança eleitoral, agora, mas a criação de um espírito de colaboração”, explicou.

Aloysio, que chegou a participar da articulação que resultou no impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, considera que a “visão estreita” não faz parte da natureza dos petistas. “O PT e o PSDB foram responsáveis pelos êxitos que nós tivemos em todos os governos que ocupamos. Foi um momento. São duas vertentes da política democrática”, analisou.

## Encontros

Na última sexta-feira, Lula também teve um encontro com



Lula conversou com tucanos que considera capazes de trazer o PSDB para o projeto petista



**O PT e o PSDB foram responsáveis pelos êxitos que nós tivemos em todos os governos que ocupamos. Foi um momento. São duas vertentes da política democrática”**

**Aloysio Nunes Ferreira,**  
ex-ministro dos governos Temer e Fernando Henrique e ex-senador

outro tucano de peso, o ex-governador de Goiás Marconi Perillo. Apesar de ter considerado a conversa produtiva, ele afirmou que o compromisso de apoiar Doria se mantém inabalado.

“Continuo coerente com as minhas ideias e convicções. E vou fazer, em 2022, o que eu sempre fiz, que é apoiar o candidato à Presidência escolhido democraticamente pelo meu partido, o PSDB”, assegurou.

Lula tem estado empenhado em quebrar resistências para, se não puder contar com o apoio do PSDB no primeiro turno, trazer os tucanos para perto em um eventual segundo. Com as críticas que Doria faz ao PT e ao ex-presidente, a ideia seria garantir fatis importantes do PSDB, garantindo o apoio sobretudo dos seus integrantes históricos.

Um deles é o ex-prefeito de Manaus Arthur Virgílio, que ao perceber que teria poucas chances nas prévias do PSDB, deu apoio a Doria — sobretudo no episódio do fracasso do aplicativo de votação. Aliados do ex-presidente dizem que Lula “trabalha para ter Arthur Virgílio no projeto”.

Companheiros na campanha Diretas Já — quando a sociedade pressionou pela aprovação da emenda Dante de Oliveira para o restabelecimento do voto popular para a Presidência da República —, Lula deve se reunir, mais uma vez, com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB). O último encontro entre eles foi em maio passado, na casa do ex-ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Nelson Jobim.

## Ciro sonha em trazer Marina e a Rede

» BERNARDO LIMA\*

Nelson Almeida/AFP



Ciro e Marina foram concorrentes em 2018, mas, agora, o pedetista deseja tê-la como vice

O pré-candidato do PDT à Presidência da República, Ciro Gomes, fez novos acenos a Marina Silva (Rede), que, como ele, em 2018 também disputou a corrida ao Palácio do Planalto. A expectativa, nos bastidores pedetistas, é de que se possa fechar uma chapa que reúna os dois partidos.

“Marina Silva tem todos os dotes e talentos para ser uma grande presidente do Brasil. Sou amigo e admirador dela, e gostaria muito de caminhar com a Rede, que é o partido da Marina, nessa mudança no Brasil”, disse Ciro Gomes, em entrevista à BandNews TV, domingo à noite.

Para Ciro, a ex-ministra “seria muito bem-vinda por cada militante nosso e por mim, especialmente”. Seguindo o slogan da campanha, lançada oficialmente na última sexta-feira, em Brasília, ele acredita que Marina “vai nos ajudar nessa rebeldia da esperança que o Brasil precisa”.

O presidente do PDT, Carlos Lupi, também reforçou o desejo de ter Marina na chapa presidencial. Para ele, seria “excelente”. “Ciro tem excelente relação com Marina, mas depende dela, da Rede, de a gente ajustar um programa conjunto. Gostaria muito”, destacou.

## Obstáculos

Apesar do flerte, a aliança tem obstáculos para ser concretizada. A Rede está em negociações para formar uma federação com o PSol, o que dificultaria a

coligação com o PDT. Além disso, integrantes da Rede pregam abertamente o apoio ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no primeiro turno — como o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), que se reuniu com o petista na última sexta-feira para discutirem o quadro eleitoral.

Quem também sonha em ter uma mulher como vice da chapa é o governador de São Paulo e pré-candidato do PSDB João Doria. Ele fez vários acenos para a senadora Simone Tebet (MDB-MS) e ambos vêm enfrentando pressões de alas dos dois partidos para que se unam em uma candidatura

única — ou deixem a disputa para apoiarem um candidato mais forte. A aliança é cogitada devido ao fraco desempenho dos dois, até agora, nas pesquisas de intenção de voto — ela tem 1% e ele, 2%.

“É natural que essas conversas surjam, até porque o Doria precisa criar fato político, eu tenho bom relacionamento com ele, fazemos parte do centro democrático. Mas sou candidata à Presidência da República, não há plano B de ser vice, isso não está no radar”, afirmou Tebet, atribuindo a forças políticas de fora do MDB as especulações para fechar uma aliança com os

tucanos. Porém, nesta semana, ela dará início à sua agenda de pré-campanha exatamente por São Paulo.

Dentro do PSDB, o governador enfrenta resistências para que o partido vá até o final das eleições com uma candidatura própria. O movimento contra Doria tem como um dos expoentes o senador Tasso Jereissati (CE), que considera Tebet com mais chances para derrotar Lula e o presidente Jair Bolsonaro (PL) do que o próprio correligionário.

\*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



## Bolsonaro escolhe inimigos, Lula busca aliados, Moro sofre ataque

Nada acontece na política brasileira, hoje, que não mire as eleições de outubro próximo, no governo ou na oposição. Embora a campanha não esteja oficialmente aberta, o calendário eleitoral já está em curso e os pré-candidatos se movimentam para delimitar os territórios nos quais pretendem alavancar suas candidaturas.

O presidente Jair Bolsonaro, por exemplo, ao anunciar os vetos ao Orçamento da União, com cortes que chegaram a R\$ 3,18 bilhões, fez tudo o que pode para manter as emendas de relator do Orçamento da União — o chamado orçamento secreto, que tudo mundo sabe que servirá para turbinar as campanhas dos seus aliados do Centrão, com verbas que chegam a R\$ 16,2 bilhões — e para garantir recursos para os reajustes dos policiais e outras categorias de seu interesse.

De forma objetiva, com seus cortes, Bolsonaro também demarcou os setores que encara como inimigos: a comunidade de pesquisas científicas, os setores ligados à educação e às universidades federais, órgãos e hospitais da área de saúde, quilombolas, trabalhadores rurais, indígenas e defensores dos direitos humanos, principalmente das mulheres em situação de risco. Por incrível que pareça, com o avanço da nova onda da pandemia de covid-19, cuja rápida propagação está ameaçando pôr em colapso a rede pública de saúde em vários estados, recrudescer o negativismo do presidente e de seus auxiliares, com forte apoio dos setores de sua base eleitoral que fazem campanha contra a vacinação em massa, principalmente a das crianças, nas redes sociais.

Continua a escalada do Ministério da Saúde contra as vacinas, apesar dos problemas que isso pode acarretar ao ministro Marcelo Queiroga, que começa a ser investigado, juntamente com Bolsonaro, por prevaricação na imunização de crianças, cuja obrigatoriedade é prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Denúncia feita pela Rede Sustentabilidade, ontem, foi enviada pela ministra do Supremo Tribunal Federal (STF) Rosa Weber ao procurador-geral da República, Augusto Aras, para as devidas providências.

Como se sabe, o Ministério Público Federal vem fazendo vista grossa aos desatinos do governo na crise sanitária. Os mais recentes foram a afirmação oficial do ministério de que a hidroxicloroquina e a ivermectina são eficazes no tratamento precoce da doença e o questionamento dos efeitos das vacinas.

## Frigideira

Enquanto isso, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva avança na sedução dos ex-adversários tucanos que se tornaram dissidentes da candidatura do governador de São Paulo João Doria. Além de manter o nome do ex-governador Geraldo Alckmin como nome mais provável para vice, apesar da resistência de setores da esquerda petista e do PSol, Lula estava com o ex-ministro de relações Exteriores e ex-senador Aloysio Nunes Ferreira, expoente dos tucanos paulistas. Agora, o petista se prepara para um encontro com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que já anunciou a intenção de votar em Lula no segundo turno, caso seu adversário seja Bolsonaro.

A candidatura de Doria está sangrando porque uma ala do partido já negocia apoio à candidata do MDB, Simone Tebet (MS), articulação liderada pelos senadores Tasso Jereissati (CE) e José Aníbal (SP), em exercício. O senador José Serra (SP), que está licenciado, também andou conversando com Lula.

Eleitoralmente, quem mais vem ganhando com a crise do PSDB é o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, que ocupou espaço no campo da chamada terceira via. O pré-candidato do Podemos pode até mudar de legenda caso as negociações da presidente do partido, Renata Abreu (SP), com o União Brasil (a fusão do PSL com o DEM) prosperem. Nesse caso, Moro migraria para a legenda e Abreu seria sua vice.

Entretanto, o ex-juiz, agora, sofre o primeiro grande ataque especulativo à sua candidatura, em razão da quebra de sigilo do processo do Tribunal de Contas da União (TCU) que investiga seu contrato de consultoria com o escritório norte-americano Alvarez & Marsal, para o qual Moro prestou serviços por 10 meses, tendo recebido cerca de R\$ 42,5 milhões.

A divulgação do relatório do subprocurador da República no órgão, Lucas Furtado, e do conselheiro Bruno Dantas, virou uma dor de cabeça para o ex-juiz. O PT e o Centrão se uniram para instalar uma CPI para investigar a atuação do escritório nos casos da Lava-Jato.

O escritório Alvarez & Marsal alega que “não existe” qualquer conflito de interesse na nomeação como administradora judicial da Odebrecht ou de outras companhias investigadas pela Lava-Jato, e que a contratação do ex-juiz foi efetuada pela área de Disputas e Investigações, um dos braços do grupo, que atua em 29 países. Moro integrou “um time de consultores externos”, entre ex-agentes do FBI e de forças de segurança, ex-promotores e ex-funcionários públicos de departamentos de justiça.

A subsidiária do escritório A&M Administração Judicial atuou na fiscalização de 89 empresas, em 26 processos de recuperação judicial, a pedido de tribunais de São Paulo e do Rio. Entre 2013 e 2021, faturou cerca de R\$ 83 milhões na prestação de serviços à Justiça, dos quais R\$ 65 milhões em casos de empresas envolvidas na Lava-Jato.

**“O PT E O CENTRÃO SE UNIRAM PARA INSTALAR UMA CPI PARA INVESTIGAR A ATUAÇÃO DO ESCRITÓRIO ALVAREZ & MARSAL, PARA O QUAL O EX-JUIZ FEDERAL PRESTOU SERVIÇOS, NOS CASOS DA LAVA-JATO”**